

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
19 DE DEZEMBRO
ANNO 2. N. 21.

PROPRIETARIOS; ZACARIAS SALCEDO & H. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre \$2000, de para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

LITTERATURA

WOMENA.

Pelas tardes horas em que o sol se debruça sobre o occidente, tua imagem veio poisar a meu lado.

Era quando a alma se desenfaxava das idéas da materia e em que o coração dormitava sob a cinza de mil sentimentos extinctos.

Verdade ou mentira—a imagem suprema de Deos se erguera em meu peito a tomar-lhe o ambiente, a contar-lhe as pulsações, e acordar os échos religiosos da infancia abi adormecidos aos mil beijos lascivos de mil mentiras de amor.

Como na hora que precede ao crepusculo matutino, em que a noite reprime seus mysteriosos suspiros para receber em silencio a aura do dia; como no silencio solemne que succede ao temporal; como no mutismo de uma dor profunda, que o sopro da morte desperta—assim era a prostração de minh'alma antes de vêr-te.

“ ”

Passára pela vida como o navio que sulca a onda—a breve esteira argentada se desfazia no rolar de uma vaga a debruçar-se sobre outra.

A gloria—era uma mentira enlameada pela maledicencia.

A fortuna—uma illusão que a sociedade desfazia.

O amor—a sensação de um momento que a intimidade embotava.

A crença nos homens, perdia-se no roçar-lhes a vida.

A crença na mulher, um doce enlevo que os annos matam, como mata o tempo tudo que é grande e nobre.

“ ”

Sem fé e sem crença sentei-me em um marco da estrada da vida.

A multidão passava no seu louco anecio de esperanças.

Não tinha para lhe dar senão um olhar—o da indifferença.

De tudo quanto o passado gerára só restava este sentimento — pallido e triste na sua impassibilidade.

Volvi o olhar então para o passado: só havia alli um oasis—a infancia.

Da infancia evoquei apenas uma recordação—Deus.

Deus!

Immensidade do immenso, infinito do infinito, eternidade da eternidade!

Deus! nota de angustia ou prazer vibrada na corda sublime do coração do crente.

Deus! Profundo sentir do homem na infancia; palavra necessaria nos dias de attribuição!

E foi pelo vago ascetismo que esse nome desperta que eu internei-me pelas immensas regiões da duvida.

Interoguei as ruínas que a historia cita; as religiões que os homens crearam; e á sombra de Jehovah ergue-se o bezerro de ouro; á Cunfucios, Zoroastro; á Jesus-Christo, Judas; á Constantino, Theodozio; á Leão X, Luther.

Além sobre as margens do Ganges, sob as palmeiras da India, nos areaes da Libya, nos gelos dos Alpes, nas charnanêas da America, o homem parára a palavra Deus—tinha uma só palavra—*duvida*!

Fechei o espirito á discussão como as palavras dos homens e abri minha alma á Deos.

Acceitei-o immenso e grande como o orbe, sem lhe perguntar a essencia.

“ ”

Foi depois do grande silencio do coração, quando os incendios passados só tinham deixado estragos, que um dia, claro e violento me illuminou essas ruínas.

Era um olhar de mulher.

A mulher traz nos olhos antes do que nas palavras a eterna figura-biblica de Eva.

“ ”

Vi-te á tarde pelo cair do sol.

Tinhas no olhar a fascinação arden-

te dessas bellezas fataes, que arrastam a vida pelo desvaír da loucura.

Donzella ou mulher, o teu papel no mundo tinha e tem um só lado: é o amor!

O amor!

Enlevo fagueiro que se sente aos vinte annos, quando o coração ainda cre;

Febre delirante que asphyxia no contacto de uns labios adorados, quando aindano mundo a mulher é alguma cousa para o homem;

Loucura desesperadora para o que encontra em uma realização suprema desses longos e voluptuosos sonhos do felicidade terrestre.

Não, o crente ajoelhado sobre o mármore de um templo gothico, na penumbra mysteriosa das arcadas, ouvindo os sons solemes do órgão sagrado, quando no altar o incenso enevôa a cruz em nuvens diaphanas, é a alma juvenil vindo submissa depositar aos pés da virgem as premicias de uma adoração profunda.

“ ”

O indifferente que atravessou os templos e os cemiterios e que não vio n'aquelles a cruz da redempção, e nestes a cruz do exilio, que a olhos enxutos fez a jornada da vida, vendo cair uma a uma suas illusões sem tremer; aquelle que viu a terra arida na primavera, e as manhas todas sombrias, um dia, cansado do mundo, encontrou o centro dourado da vida em uma mulher—e se ajoelha, como o peregrino faminto se senta á mesa do castello hospitaleiro.

“ ”

Este sentimento é a sublimidade do amor terrestre no espasmo dos sentimentos, no estremecer voluptuosos do coração, do enebriar de vozes que se cruzam, que se confundem, como em longo beijo os alentos se perdem.

Tens nos olhos o fulgor suave da estrellia; nos labios o sorriso accepiador da belleza.

Sob teus cilios brilham e passam,

como relampagos em céu do verão,
centelhas que magnetizam, e queimam a medula dos ossos.

No donaire tens a graça que excita
e que inflamma; tens a graciosidade
da propria chama quando se inclina
embutida dos ventos.

Amemos pois.

Se o amor é sonho souhenos; se é
morte morramos.

O lódo secca-se aos raios do sol; a
descrença pôde morrer á luz do amor.

Vêm, e, se é preciso, parodiarei a
phase de Ricardo III.

Love ! love ! my kingdom for your love.

POESIAS

Uma noite de amor

I

Ella era tão formosa, como a nuvem
Doidrada do arrebol á tardesinha,
Como a lua que aponta no horizonte
A sorrir-se de amor...

Seu collo eburneo, que se erguia altivo,
Tinha a alvura da garça, que no lago
As azas espanja; tão garboso
Como o caule da flôr.

Ella era tão chorosa, como a rola,
A' musicar seus ais meigos pladgentes,
Ao despontar do dia;

Como a nota da frauta —descuidosa—
Q' fere o coração, com um *que le igneto*
E de maga poesia !

Ella era suspirosa, como a brisa,
Por entre os arvoredos murmurando
Seus sentidos quicxumes :

Sorria, com o sorrir do infante insonte,
Quando angelico sonho lhe ornamenta
Seu tranquillo dormir.

II

Uma noite escutei—o seu piano
Que com a voz maviosa confundia
Seus ais sentidos, suspirar fervente ...
Porque cantas assim?!—comigo disse—
Não sabes que me feres e me matas,
Que me acordas no peito amor terivel,
Insaciavel, furibundo, eterno !

Oh ! não cantes mulher !

Mas ah! embalde; quanto mais cantava
Mais me feria sua voz fremente,
Seus olhos languens q' fallavam mudos
Matavam tanto n'um gyrrar sómente !

Olha, não cantes, anjo de harmonia,
O' filha d'esse solo em que os anjos

Tantas inspirações bebem sorrindo!...
Ah ! não, não cantes—que eu já soffro tanto!
Meu coração palpita a frouxa nota—
Que treme errante sobre a lisa tecla
Cada som me traduz um teu suspiro,
Da-me um echo de amor que eu só entenda...
Não ! não cantes mulher !

Porém seus seios palpitaram tremulos
Doce quebranto inoculando n'alma...
Ah! terno sei! quem sentir podera-o
Na fronte morna do morrer na calma.

Depois continha os dedos perfumados
Sobre o teclado—angelica sorria—
Se voltava p'ramim:—Então já basta?
O' virgem, e teu fallar encerra um canto ...
Sim, canta que minha alma inda tem sede...
Ferre-me o peito. se me escalda o cráneo...
Ah! si esta voz sentira os meus ouvidos
Murmurando uma vez:—Eu te amo quero-te
Oh ! sim canta mulher !

Então de novo dedilhava etherea,
Ebria de enlevo, de paixão tão santa,
E eu soffrendo d'um soffrer tão acre
Inda em soluços repeti-lhe— canta ! —

E era nos meus braços tão morrente,
Tão languê, tão formosa,
E osculo ardente lhe pousei na face,
Que tornou-se uma rosa !

E ella abriu os olhos tão quebrados,
Contemplou-me e sorriu !...
Sorriu!... e o sublime d'esse riso
Só meu peito senti !

Do collar do amor era o estame a lagrima
Que nos olhos brilhou.
E tão pallida assim, tão meiga e terna
—Eu te amo...—murmurou !—

E o liso seiio estremeceu sentindo,
O meu osculo de amor...
E os labios—seentr'abriram purpurinos
Quaes petalas do flôr.

Oh ! quanto é anjo ! murmurei tremendo :
Eu vivo só por ti !
E qual brisa que passa perfumada
Um suspiro lheouvi.

João Vallasques.

FLÔR D'ALMA.

A innocencia, segundo a Biblia, é um
vaso de finissimo ouro, que contém um
raio do céu, é um distillar purissimo
da omnipotencia divina.

Vestem-na os poetas com as côres de
suas caprichosas fantasias e collocam-
a em um throno de nuvens, ao lado

dos anjos e fluctuando entre os sonhos
nacarados de uma virgem.

A innocencia é o berço, disse um
philosopho ; e indubitavelmente são
os primeiros annos o mais formoso
symbolo da innocencia.

Porque tão bellasão as flôres ? Por-
que reflectem e symbolisam a innocen-
cia.

Pelo espaço esvoaçam as aves, can-
tam ao despontar do dia e são como a
harpa dos bosques.

Vivem como as flôres vivem, e ás
vezes como ellas nascem e morrem no
mesmo dia.

Aves e flôres vivem sempre pouco,
porque não pôde a innocencia ficar por
muito tempo no mundo.

Anjo que vae em demanda da patria
é a criança que morre.

A innocencia é a flôr da alma, que
emmurcheca ao sopro das paixões, e
quando estas se agitam, então da alma
se desprende e vóa para o céu, que é a
sua natural morada.

(Diário do Rio)

Duvida e luz

A' M.

Heureux qui dent aimer, et qui dans la
nuit noire,
Tout en cherchant là fi, peut recon-
tre l'amour.
Il a du moins la lampe en attendant le jour.
Heureux ce cœur ! Aimer, c'est l'almidit
de croire'

Victor Hugo.

Tenho medo de amar... mas tens nos labios,
—Seductores—divinos—tal sorrir...
Que minha alma enleada de venturas
Não te sabe fugir...

Tenho medo de amar...mas dos teus olhos,
Si dispende rutilante—tanta luz...
Que não posso soffrer sem doce aneio
O fulgor que produz,

Tenho medo de amar...mas no teu seiio.
A voluptia transdida—tal magia...
Que louca de desejos. toda enlevo
Minha alma s'inebria...

Tenho medo de amar...mas tens encantos,
—Feiticeiros seducem—tão gontis...
Que prostrado a teus pés, em santo extasis
Sou captivo...e feliz.

Tenho medo de mar...mas tua fronte,
Resplendece tão linda e—seductora...
Que, mau grado aos recios que m'assaltam,
Hei de amar-te, Senhora !

Hei de amar-te, que brilha em teus cabelos,
A luz e graças que irradia Deus !
E não posso—mortal—fugir ao encanto
Que fascina nos ceus.

Hei de amar-te p'ra sempre, além da terra,
Cedendo ao imperio de fatal belleza !
Hei de amar-te—captivo aos teus primeiros
Do celeste lindeza !

Agosto de—70.

Pery.

aos deuses porque a batalha havia sido ganha. Sim, meu Genaro : te baterás : é preciso que te batas. Eu em outro tempo houvera ido por ti ; porém hoje não tenho forças, e este habito que me cobre não m'o permite. Porém, enquanto se verifica esse duelo, teu pai adoptivo estará orando aos pés do altar, para que o anjo de tua guarda te proteja com seu escudo. Tu não provocastes esse terrível lance ; portanto, defende-te e sê cavalheiro, como são todos os que sabem apreciar a honra.

E ao dizer estas expressões, o bom religioso estreitava o joven contra seu seio, cobrindo-o com lagrimas.

Passado um largo periodo, em que aquellos dois corações, transbordavam de sentimento, proseguiu o padre Roberto :

— Agora que ouvistes como apreciei essa triste aventura, pensemos em tua consagração. Ainda retenho alguma memoria das cousas profundas, para preservar-te dos golpes de teu contrario. Tens valor meu filho ?

— Colocae a mão sobre o meu coração, e ella vos responderá.

O anciao não titubeou em seguir a indicação de Genaro.

— Bate, disse, com a regularidade do homem que não teme; com a indifferença de quem confia em si mesmo ; com a serenidade que infunde o enthusiasmo. Porém isto não basta. Hoje é preciso manejar a espada, a pistola e o punhal ; tres armas fataes com que os homens costumam a matar-se : ha regras fixas ; é tudo uma arte, sujeita á geometria e ao valor. Acaso matando um homem se resolve com a ponta da espada um problema mathematico. Sabes alguma destas tres cousas ?

— Creio que sim.

— Vejamos, disse o padre Roberto : tira do armario que ha em meu quarto algumas armas que encontrarás. São armas de familia, q' conservo como doces memorias de outras épocas.

Genaro obedeceu, e tirou duas pistolas, dois punhaes, e duas espadas.

O religioso tomou uma espada com sua já cansada mão, porém conhecia-se no movimento que soube imprimir-lhe, que em outro tempo lhe havia sido familiar seu manejo.

O joven fez vêr que conhecia a arte da esgrima com todas suas regras, explicando e praticando difficeis manobras.

— Perfeitamente exclamou o benedictino com alegria. Quem te deu essas lições ?

— Estudei-as quando me levastes á Paris.

— Assististes de noute á alguma academia ?

— Sim, meu pai.

— E a respeito da pistola ?

— Posso assegurar-vos que a manejo regularmente.

— Como ?

— Quando visitamos a Arabia, vos lembrei que tivemos que deter-nos em um aduar de beduinos. Um d'elles deu-me suas lições, em termos que cortava de um tiro os talos das pencas de datiles em as copas das palmeiras.

— E o punhal ?

Genaro não respondeu: tomou uma adaga

de fina ponta, e retirando-se ao fundo da habitação, apontou para uma janella que estava no estremo contrario, a dose passos de distancia.

— Vês, disse ao benedictino, aquella mosca que passeia na madeira d'essa janella ?

— Sim.

— Julgae, pois, se sei manejar o punhal.

— E arrojando-o com firmeza e segurança, fel-o cruzar o ar e cravar-se na janella.

A mosca estava dividida pela ponta da arma.

O benedictino, assombrado d'aquella prova, abraçou á seu filho e exclamou :

— Agora, meu Genaro, que vi tua rara habilidade, dar-te-hei um conselho.

— Qual é ?

— Defende-te, porém não mates. Te provocaram e tens direito para livrar-te dos golpes, que te dirijam. Perdoando á teu inimigo, teu triumpho será mais formoso.

— Assim o farei, se me toca vencer.

— Agora eu principio outra classe de luta, acaso mais tremenda que a tua. A luta da força te pertence ; a mim a da intelligencia.

O padre Roberto, como se estivesse animado pela febre, ou possuido por uma inspiração ainda mais grande que os generosos sentimentos de sua alma, principiou a despojar-se dos toscos habitos que o cubriam.

— Que ides fazer, meu pai ? perguntou Genaro.

— Vou sahír neste momento.

— Compreendei que vos expões.

— Não importa.

— E me será permitido saber aonde vos dirijis, para seguir-vos ?

— Ao palacio de Alcañices, em procura da condessa de Segulvo.

Havia tanta dignidade n'estas palavras, que Genaro nada teve a replicar.

— Poucos momentos depois, o padre Roberto de Santa Maria sahíu da sua habitação completamente transformado.

O religioso havia desaparecido, e se havia transformado em um cavalheiro.

CAPITULO XIV

Principio de uma historia

Um magnifico trejo do tempo da corte de Carlos III, adornava naquelle momento ao padre Roberto de Santa Maria.

Uma formosa casaca de *mairé* cor de amarantho bordada com raminhos d'ouro, cingia seu corpo, que n'outro tempo havia sido elegante e bem formado : um collete de setim branco com o mesmo bordado da casaca, opprimia uma esplendida camisa cheia de encaches de Flandes, e uma gravata, pregado com esmero, cujos estremos cahiam por ambos lados : as calças da mesma fazenda que o vestido ; e uma rica meia de seda, cingida com ligas d'ouro, encerrava a bem formada perna, signal de distincção de raça e de pureza de sangue.

O chapéo era angular, rodeado de bellissimas plumas brancas, e a espada que cingia á sua cintura, tinha a empenhadura de prata cinselada.

Não podia dar-se figura mais nobre e res

peitavel. Podia crêr-se que era um daquelles dignos hespanhóes que rodeavam ao grande rei; ou que o passado seculo lançava do fundo de um sepulchro aquelle cavalleiro, em representação de uma época que era o emblema de nossas glorias e de nossa grandesa.

Genaro ficou assombrado, pois não podia menos de figurar-se que a determinação de seu protector devia nascer de causas grandes e poderosas. Temia por outro lado que aquella arrogante figura fosse considerada pelo publico como uma apparição grotesca, e assim foi que, dirigindo-se ao beneditino, lhe disse:

— Quereis um coche?

— É indispensavel: não devo crusar as principaes ruas de Madrid desta maneira, respondeu o anciao.

Genaro apressou-se á dar as ordens correspondentes para que se cumprissem os desejos de seu protector.

— Devo acompanhar-vos? perguntou o joven.

Sim meu filho; quero que venhas comigo. Pouco tempo depois, Genaro estava vestido com um daquelles caprichosos e elegantes trajos que tanto o formosavam: e o coche detinha-se á porta da casa.

— Vamos, disse o anciao, principiando a caminhar com passo seguro.

A carruagem era das mais luxosas e esplendidas que se usavam; alta espaçosa, estava adornada segundo á moda de então, com grupos e figuras mythologicas esculpidas em bronze.

Recebeu o cocheiro a ordem, e partio á escape.

A medida que avancavam, o rosto do beneditino ia-se contraindo e tornando-se sombrio, como um cão carregado de nuvens. A conversação foi curta durante o caminho, até que o coche deteve-se na porta da casa de Alcañices.

Genaro era conhecido, e os lacaios que continuamente occupavam o atrio da entrada, o deixaram passar em companhia do anciao, cuja figura não deixou de chocal-os. Deste modo chegaram ao piso principal, onde um mordomo os deteve e perguntou:

— A quem procuram?

— A' condessa de Segalvo, respondeu o beneditino.

— Então, terá a bondade de dizer-me a quem devo annunciar.

— Ao conde Roberto Mauricio de Malvar.

— O mordomo saudou e desapareceu no fundo dos salões.

— Agora, meu filho, proseguio o anciao que ao pronunciar aquelle titulo acabava de fazer um esforço superior, pódes esperar-me neste sitio ou nas habitações da condessa Mathilda.

Pouco tempo depois voltou o mordomo, e indicou ao anciao que o seguisse.

Este avançou com passo firme por meio dos dourados e magníficos salões do palacio, até que abriu-se a porta da mesma habitação em que vimos á noite passada o general Mauricio Mathieu.

O beneditino havia recobrado toda sua serenidade: sua nobre phisionomia duplamente magestosa com o esplendido trajo que o cubria, estava tão immutavel e tranquilla

que ninguém houvera podido sondar o fundo de sua alma.

A condessa estava sentada cerca de uma preciosa chaminé franceza, de marmore branco, em cuja corniz um relógio marcava as horas silenciosamente. Vestia uma elegante bata de quadrinhos pretos e brancos.

Se sorpresa lhe havia causado o titulo desconhecido para ella, como se que havia annuciado o religioso maior foi quando o viu avançar com aquelle trajo, quasi esquecido de sua memoria, e que tão rude contraste formava na época que se atravessava.

Duvidou ao prompto do que estava vendo, e esteve proxima a rir-se ao contemplar a figura do anciao; porém certo sentimento estranho que foi cravar-se em seu coração, fez a deter, como se uma vaga recordação houvera paralisado repentinamente suas faculdades. Sua boca ficou entre-aberta, qual se houvera querido arrojear um grito, e uma pallidez mortal se estendia por seu rosto, á medida que contemplava o impassivel semblante do conde.

Sem duvida este semblante era para ella um espelho; pois quando o olhou com maior avidez, fez um movimento para fugir.

O anciao saudou profundamente, como um cortêsimo antigo diante de uma rainha.

A condessa apenas moveo a cabeça, se bem procurou dominar á inquietação que a possuia.

— Tenho a honra, perguntou o padre Roberto, de fallar com a senhora condessa de Segalvo?

— Sim, cavalheiro, atreveo-se a articular esta, opprimindo-se o peito com as mãos. E vós sois o conde Roberto Mauricio de Malvar?

— Servidor vossos.

E ao mesmo tempo tornou á saudar o religioso.

— Nesse caso, augmentou a condessa, espero que tercis a bondade de indicar-me o objecto de vossa visita; porque no crescido numero de amigos que me rodeam, não conheço o titulo com que vos haveis annuciado.

— Tens um direito incontestavel, replicou o religioso com severo sorriso, de exigir de mim uma explicação que acredite legitimamente minha presença neste sitio, e vou ao momento satisfazer-vos. Senhora venho de Asturias.

Ao ouvir a condessa esta ultima palavra, não pôde conter um ligeiro estremecimento que procurou dissimular com uma indiferença mui mal estudada.

— De Asturias? perguntou.

— Sim: havendo sabido que eramos patricios, seria uma falta imperdoavel em mim se não houvesse occorrido a offerecer-vos meus respetos.

A condessa respirou por ultimo, posto que as terriveis suspeitas que haviam nascido do fundo de seu coração pareciam dissipar-se com uma explicação tão singela como natural. E em seguida mudou sua reserva e frieza em uma urbanidade esquisita.

— Agradeço sinceramente, disse com um doce sorriso, a distincção que fazeis ao meu nome e á minha pessoa. Faz muito tempo que haveis chegado Sr. conde?

— Faz mui poucos dias.